Francisco de Holanda: *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa* (1571)

Francisco de Holanda on the *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa* (1571)

Jose de Monterosso Teixeira [*]
Universidade Autónoma de Lisboa

Resumo

No contexto redatorial do *Tratado da Fábrica que Falece à cidade de Lisboa* (1571) emerge uma reflexão sobre as marcas de capitalidade que Lisboa devia assumir enquanto centro ou cabeça do Império. Era notória a fragilidade, não só, das estruturas defensivas da entrada da barra que a cidade oferecia, mas a monumentalidade que inscrevia, no cotejo com Roma, o grande referente para Holanda. Este haveria de prescrever um quadro constitutivo para atingir o programa proposto e que ainda era deficitário, apesar da euforia económica post viagens marítimas. O pensamento e as configurações arquitetónicas acusam a contaminação do discurso das ordens clássicas, renascentista e maneirista no débito mais forte do tratado de Serlio, do que de Miguel Ângelo, sua influência basilar. O trânsito da posse do seu manuscrito identificado em primeira mão na Livraria dos Condes de Redondo, tendo passado depois para a Biblioteca da Ajuda, e as suas diferentes edições constituem outro dos tópicos de reflexão.

Palavras-chave: Redondo; Francisco da Holanda; *Da Fabrica que Falece*; 1571.

Abstract

In the editorial context of the Treaty of *Fabrica que Falece à cidade Lisboa* (1571) a reflection on the marks of capitality that Lisbon had to assume as center or head of the Empire emerges. The fragility not only of the defensive structures of the entrance to the city bar was evident, but the monumentality which, in the comparison with Rome, was the great referent for Holanda. The latter would prescribe a framework to achieve the proposed program, which was still in deficit, despite the economic euphoria after sea travel. The thought and the architectural configurations accuse the contamination of the speech of the classic orders, Renaissance and Mannerist in the strongest debt of the treaty of Serlio, than of Michelangelo, its basilar influence. The transit of the possession of his manuscript identified first hand at the library of the Counts of Redondo, after having passed to the Library of Help, and its different editions constitute another of the topics of reflection.

Keywords: Redondo, Francisco da Holanda; *Da Fabrica que Falece*; 1571.

● **Enviado em: 09/08/2018**
● **Aprovado em: 23/09/2018**

[*] José de Monterroso Teixeira doutor em História, com a tese "José da Costa e Silva (1747-1819) e a receção do neoclassicismo em Portugal: a clivagem de discurso e a prática arquitetónica". Professor na Universidade Autónoma de Lisboa, nos Departamentos de Arquitetura e História, Investigador nas áreas de Património, história da arquitetura. Assegurou a gestão de diversos equipamentos culturais e foi premiado pela Academia Nacional de Belas Artes, de Lisboa, em 1997 e 2013.

"Ora El-Rei vosso avô de gloriosa memória, quem duvida que, se o não atalhara a morte, que houvera de fazer grandíssimas obras em Lisboa? Como me dizia quando vim da Itália: assim na Fortaleza do Castelo, como em trazer a água de Belas, como em outras muitas obras, o que se pode bem conjecturar somente em o começo da Fortaleza de S. Gião [S. Julião] e dos Paços que em Enxobregas vos deixou começados para os Vossa Alteza acabar, com tudo o mais que a Lisboa falece" ;
Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa, 1571.

A cultura estética e artística post renascentista abre um espaço muito relevante para inscrever Francisco de Holanda (1517-1585), humanista, arquitecto, pintor, desenhador e teórico. Muito novo, em 1538, parte para Roma como bolseiro de D. João III, a sua base cultural consolidada em Évora, junto do infante D. Fernando e do cardeal D. Henrique, numa cidade que constituía o centro do Humanismo, permitir-lhe-á a integração imediata nos meios culturais daquela cidade, nomeadamente no círculo de Miguel Ângelo, cuja convivência verteu nos *Diálogos de Roma* (1548).

No seu trajecto estanciou em Barcelona, onde terá passado 3 meses, e na visita que fez ao infante D. Luís, duque de Beja, ao tempo na Catalunha, este tê-lo-á estimulado a desenhar as fortificações que encontrasse na sua rota. Com o resultado destas visitas, que veio a realizar, preparou um livro a que chamou de *As Antiqualhas*, (1538-1540), contendo 112 desenhos, onde incorporou também antiguidades e fábricas modernas (Escorial, Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo). Outra dimensão do seu currículo vislumbra-se na de Antiquário, no sentido do interesse pelas ruínas, vestígios do legado romano e na observação e consulta de colecções de Antiguidades[1], já que um dos seus compromissos era o de trazer para Lisboa, uma recolha sistemática sobre o mundo antigo, com um substracto arqueológico, que servisse de paradigma para as ordens arquitectónicas, a gerar, por esse viés, em consequência, intimidade com as teorias vitruvianas.

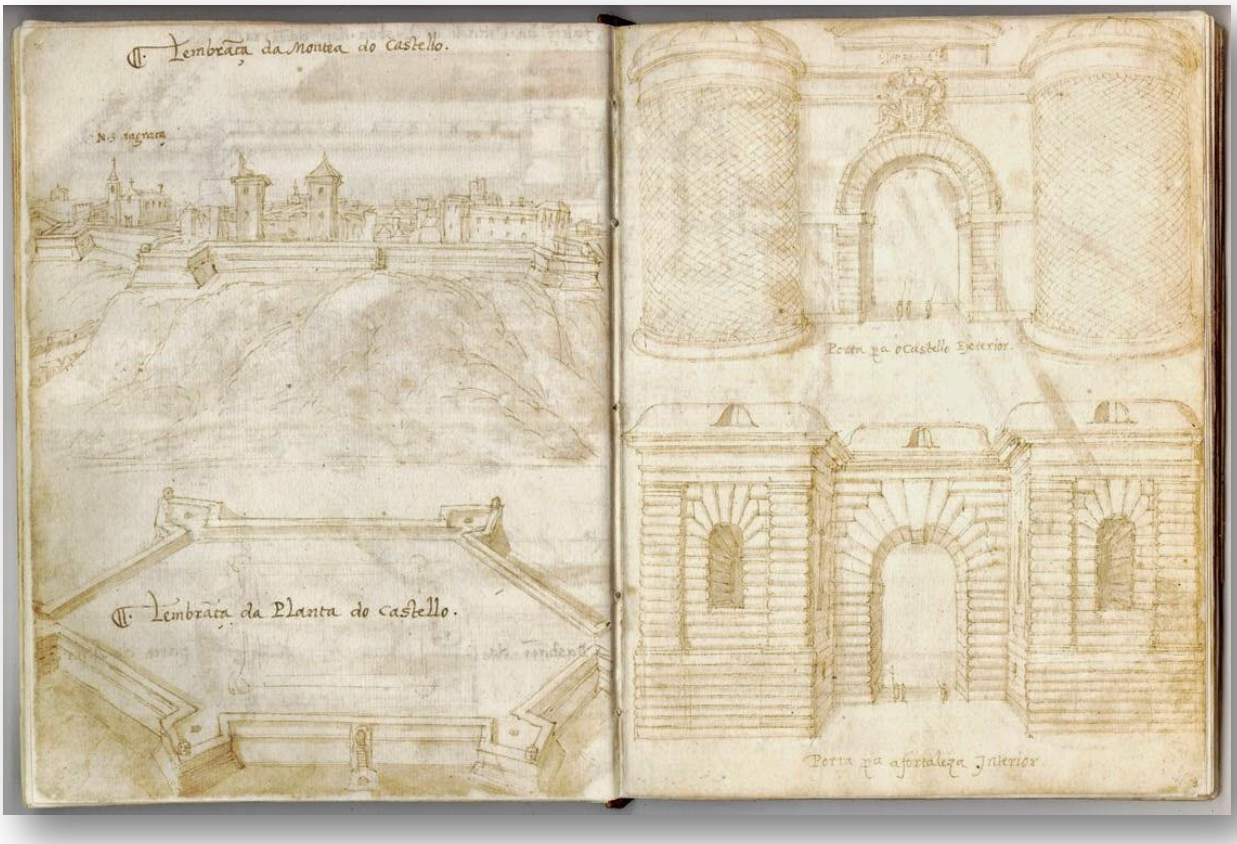
Assinale-se que no seu *grand tour* ele visitou Veneza, onde contactou com Sebastiano Serlio que lhe ofereceu as *Regole Generale* (Veneza, 1537), que lhe serviram para formular a teoria da arquitectura das ordens clássicas e a dar corpo ao Livro IV do seu Tratado. Esta sintonia levou Francisco da Holanda a, localmente, sensibilizar os meios ligados à teoria da arquitectura, que teve resultados na tradução de Vitrúvio pelo matemático Pedro Nunes, em 1541, e também na *De re aedificatoria*, de Alberti, em 1553, por Garcia de Resende.

1 DESWARTE; Sylvie (1992), *Ideias e Imagens em Portugal na Época dos Descobrimentos, Francisco de Holanda e a Teoria da Arte*, Lisboa: Difel, pp. 9-13, uma visão globalizante da doutrina e pensamento estético de Francisco da Holanda; v. tb do mesmo autor "Neoplatonismo e arte em Portugal", in *História da Arte Portuguesa*, coord. Paulo Pereira, 2.º vol. Lisboa, Temas e Debates, 1995, pp. 511-535.

Pedro Nunes foi o tradutor dos dez Livros do De Architectura, que tinha em curso no ano de 1541, segundo dedicatória a D. João III na obra de De Crepusculis Liber unus (1542):

> Foi a Vós, Rei mui sabedor, patrono e cultor das ciências, que fomentais, patrocinais e adiantais as letras e os letrados, que eu quis dedicar esta obra [...] para [...] me desculpar de tanto haver demorado a tradução de Vitrúvio[2].

Nos seus projectos de fortificações acusam o novo modelo italiano com bastiões, decorrentes das novas premissas da pirobalística e bem assim dos métodos construtivos, que deveriam ter impacto no norte de África.



[Fig. N.º 01 - Lembrãnça das Portas q. falece a Lysboa] fl.8v.

Depois do desaparecimento de D. João III (1557), da rainha Catarina de Áustria (1578) e do infante D. Luís (1555), seus patronos, teve um período com pouco reconhecimento por parte do cardeal Infante D. Henrique, mas retoma a situação anterior de favorecimento com D. Sebastião. Veio a apresentar ao Rei, para quem executou uma medalha, em que o retrata como

[2] Id., *ibidem*, p. 171.

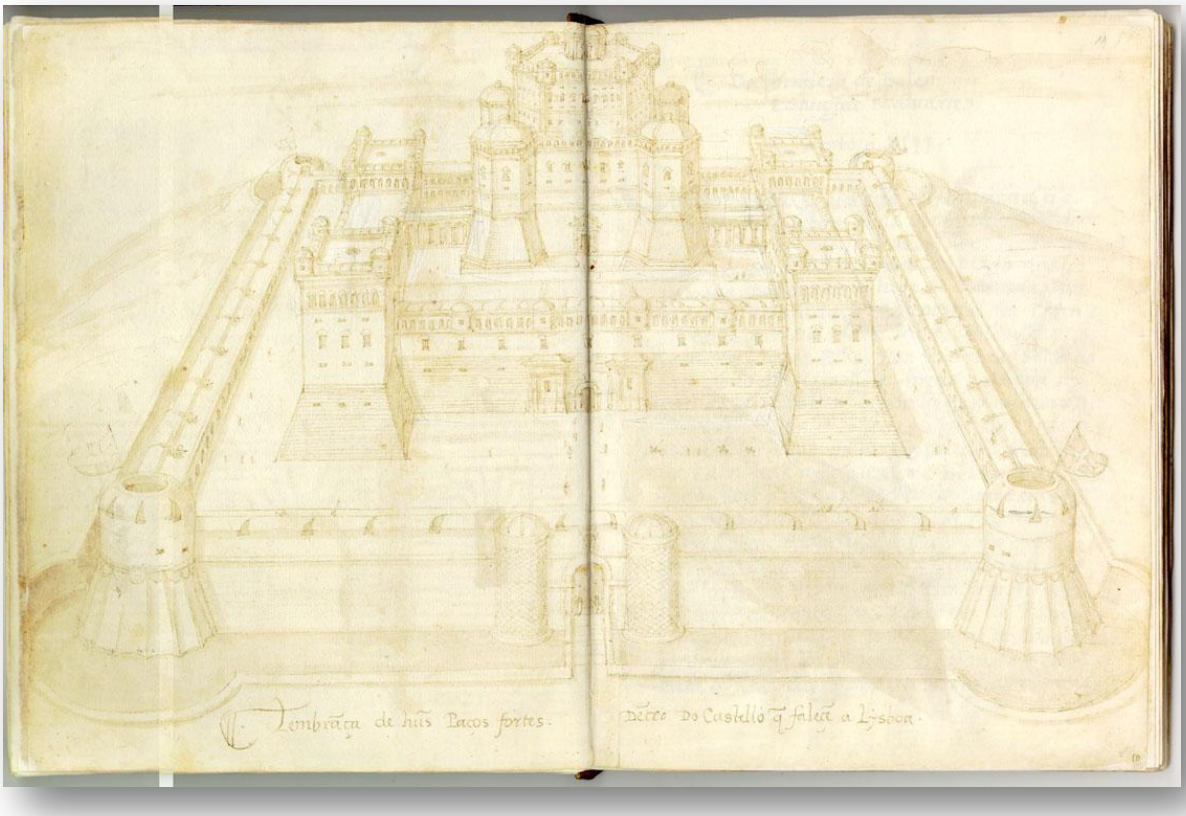
o imperador Alexandre, dois Memoriais, *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, e "*Da ciência do desenho*", ambos de 1571, que se encontram na Biblioteca da Ajuda[3].



[Fig. n.º 02. Frontispício *Da Fabrica*....fl 2r.]: "Lembrança ao muito Serenissimo e Christianissimo Rei Dom Sebastiaõ...".

Francisco da Holanda no introito ao *Da Pintura Antigua* ele se auto designa como conselheiro de D. João III em matéria de arquitectura e no capítulo 10, *Da Fabrica*, descreve-se como tendo o "Officio" de arquitecto, cumprindo "o desegno da traça ou arquitectura", com todas as funções inerentes a este cargo, que enumera.

[3] Biblioteca da Ajuda, *Ms 52-XII-24*, Francisco da Holanda, *Da Fabrica, que falece ha cidade De Lysboa/. Por Frãcisco dolãda/. Anno de 1571* ; Fol. 204x152fls.



[Fig. N.º03 - Lembrança de h~us Paços fortes. D~entro do Castello que falec~e a Lysboa.].

O "Da Fábrica que falece", constitui um texto programático para a *renovatio* da cidade da alma primeiro, e da sua fortificação material, em que para além dela, "parece razão dizer alguma coisa do que mais releva, que é a reedificação da cidade espiritual de nossa alma[4]", em que estabelece um itinerário o qual é não só topográfico, mas igualmente moral, para as intervenções urbanísticas.

Recomenda, deste modo, a Sua Majestade que prossiga a política de empreendimentos públicos seguida por seu avô, onde aparece com eloquência a defesa do abastecimento de água à cidade, que, depois, foi retomado por Nicolau de Frias. Propondo com assinalada grandiosidade o levantamento do conjunto de fortificações da costa da capital do Império, para diminuir a sua vulnerabilidade defensiva. A edificação de um imponente Paço Real, proposto para Xabregas, traduz outro dos melhoramentos magnânimos, que era imperativo se

[4] Id., *Ibidem*, fl.6v, o texto é proselitista, no sentido de advogar uma mudança de mentalidades " "Assim, que muito primeiro se há-de fortalecer e reedificar a cidade interior de nossa alma, que a pedra e cal exterior, e por isso deve cada um fazer do que mais releva; que é fortificar e defender a cidade de sua alma".

oferecesse à capital, de modo a que se tornasse "a maior e a mais nobre cidade do mundo" A capela funerária do Santíssimo Sacramento para o paço da Ribeira, que não veio a ser construída, segundo um modelo de planta centralizada, de densa gramática classicista e com um sacrário extravasante de imaginação, mas que também ficou apenas no desenho [5].

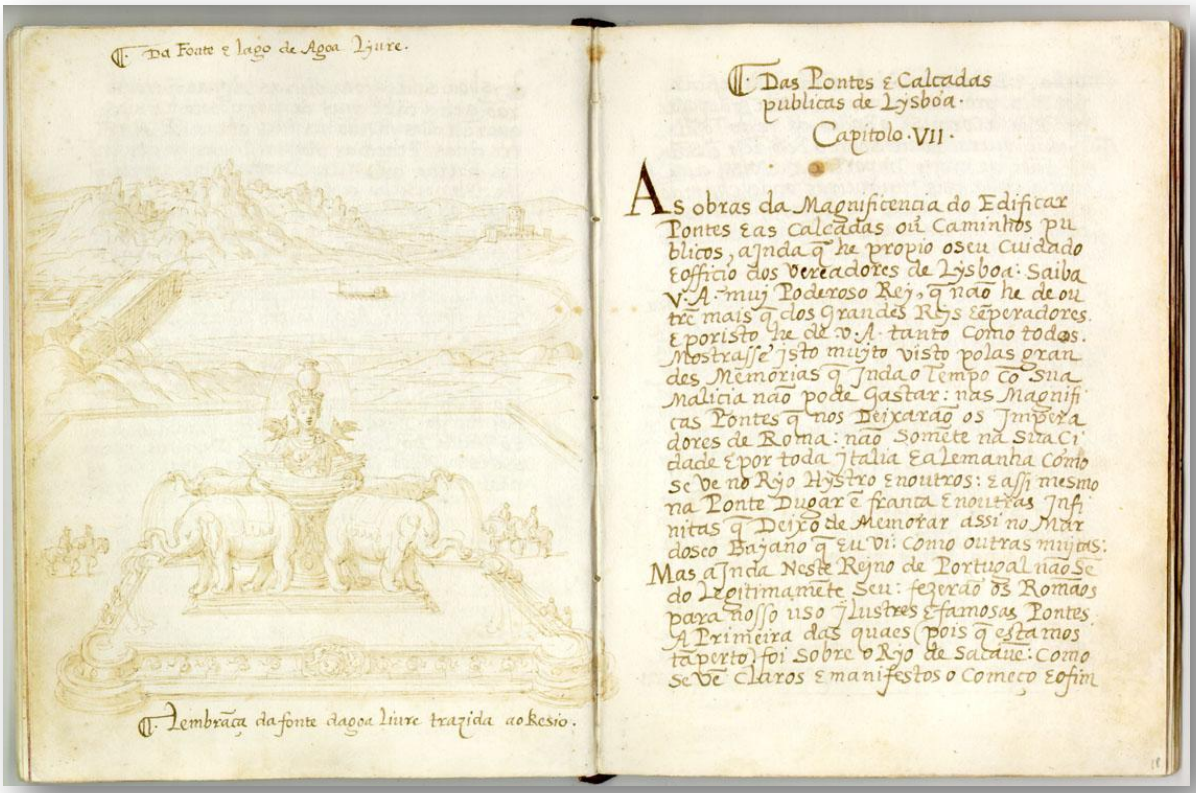
Outro foco, por assim dizer, romano é o das Águas Livres, de que é ardente defensor, assunto que estava na ordem do dia, tanto mais que em 1543, André de Resende entregará ao rei, em Almeirim dois livros dos aquedutos, que "per seu mandado" escrevera. Holanda consagrará aos aquedutos o capítulo 6.º, sempre com a grandiosidade romana no pensamento, que transpõe para Lisboa em *topos* retórico: "Da Agoa Livre", monumentos sobre os quais tinha a sua atracção, rede para a qual veio a desenhar fontes arquitectónicas que constituem um dos seus ex-libris, um dos quais representa Lisboa, metáfora da renovatio urbis da capital : Fol. 16.

> Esta hõrra de fazer este beneficio a Lysboa (ou lho faça fazer) de restituir. Esta fonte de Agoa Livre q. morre de sede e não lhe dão Agoa. Da qual obra eu fiz a ElRey vosso Avô hu desegno pa a trazer ao Resio por quatro alifantes. Ao modo deste desengano q. El rej muito desejou fazer antes de sua morte e o Ifante Dõ Luys me dice q. desejava trazersse esta Agoa na Ribeira para a tomar~e as naõs da India siquer por h~u dos Alifantes[6].

Vejam-se os míticos chafarizes que projectou um "*lembrança da fonte dagoa livre trazida ao Resio*", onde quatro paquidermes, de cujas trombas jorram jactos de água, sustentando um caravela com uma alegoria a Lisboa; e um segundo também com um elefante "Lembrança da fonte p.ª as Naos na Ribeira

[5] ALVES, José da Felicidade (1984), *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 32-38.

[6] Biblioteca da Ajuda, Ms 52-XII-24, fls. 17- 18v.; invocava os casos dos aquedutos em Espanha, Mérida e Segóvia "onde hoje em dia se vêm dobrados arcos uns sobre os outros, de pedraria mui forte?".



[Fig. N.º 04 - Imagem Da Fonte & Lago de Agoa Lyure...../ Lembrãça da fonte dagoa Livre trazida ao Resio,18v].

É, então, suscetível de ser invocado, comparativamente a propósito de Damião de Góis na *Urbis Olisiponis Descriptio*, com 1.a edição latina de 1554, que procurava no mundo dos humanistas exaltar os valores da capital do reino, "a princesa entre todas as demais", como haveria de dizer, pouco depois, Luís de Camões.

Nas referências mais antigas sobre a obra "Da Fabrica que falece", no livro do Padre Carvalho da Costa revela-se que o seu manuscrito se encontrava na Livraria dos Condes de Redondo. Quando da instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808) sabe-se que ela a acompanhou, levada da Biblioteca da Ajuda. Aqui dera entrada, quando da aquisição pelo rei D. José I dos fundos daquela Livraria, em meados do século XVIII e regressando a Portugal quando a família real retornou a Portugal (1821).

Hoje sabe-se que o inventário dos manuscritos, entretanto, realizado para constituir de base das aquisições, para refazer a biblioteca da corte, ela aí se encontra descrita e avaliada deste modo: "Fran.co de Olanda original em 4.º ...4$800 rs .[7] "O responsável da classificação

7 Biblioteca da Academia das Ciências, *Ms Azul 922*, Manuel Alexandre Ferreira de Faria; Livros da Livraria antiga do Ex.mo Conde do Redondo (e são todos manuscriptos) Esta Livraria comprou El Rey pela avaliação que aqui se acha e foi avaliada casualmente por mim.

regista que o Rei negociou a compra pelos valores entretanto aqui estabelecidos. É notável que na Biblioteca Nacional exista outro Inventário manuscrito, do mesmo espólio, onde a obra de Holanda, nela se referencia, desta forma: "*Da fabrica que falece à Cidade de Lisboa por Francisco da Dollanda 1571. Dedicado a ElRey D. Sebastião"*. O Autor desta obra era:

> m.tº estimado na queles tempos. El Rey D. João 3.º o tinha mandado ver as fortificações da Europa. Depois que veyo fes esta Obra de tudo o que se devia fazer nesta Cidade, não só de fortificaçoens, mas de Igrejas, Edificios, Fontes, & aconselha trazerse à Cidade a Agoade Agoa Livre, e o que com ella se devia de fazer, e o que peor he a Conselha a El Rey a jornada de Africa. De tudo tem plantas m.tº bem feitas. He Original[8].

No Brasil o Príncipe Regente deu todo o apoio para que se fizesse uma cópia Da Fábrica, que hoje se guarda na Biblioteca da Academia das Ciências, Ms Azul n.º 168, de que foi coordenador Luís Santos Marrocos (1781-1838), ao tempo bibliotecário da Real Biblioteca da Corte, a qual foi acompanhada com um aparato crítico com notas e comentários. No dia primeiro de Abril de 1814 Marrocos escrevia para Lisboa a enviar a cópia de "Da Fábrica ", já que fora o seu autor, como faz questão de enfatizar:

> …Por este mesmo mesmo navio remeto ao Sr. Alexandre António das Neves huã copia do Tratado manuscripto de Francisco Dolanda= Fabrica do que falece há cidade de Lisboa= feita de minha mão por ordem de S.A.R.[9].

Teve ainda uma edição parcial, em 1842, promovida por Raczynski que alude à cópia de Santos Marrocos, no seu *Dictionnaire*[10], informando que o original, equivocadamente, estava em Madrid. O marquês de Sousa Holstein (1838-1878), que foi vice-inspector da Academia de Belas-Artes tinha em mãos a preparação da edição do tratado, mas a sua morte impediu-o de a realizar. Foi Joaquim de Vasconcelos que promoveu a saída da primeira edição no opúsculo Francisco de Holanda: Da Fabrica que falece…que foi impresso no ano de 1879.[11]

---

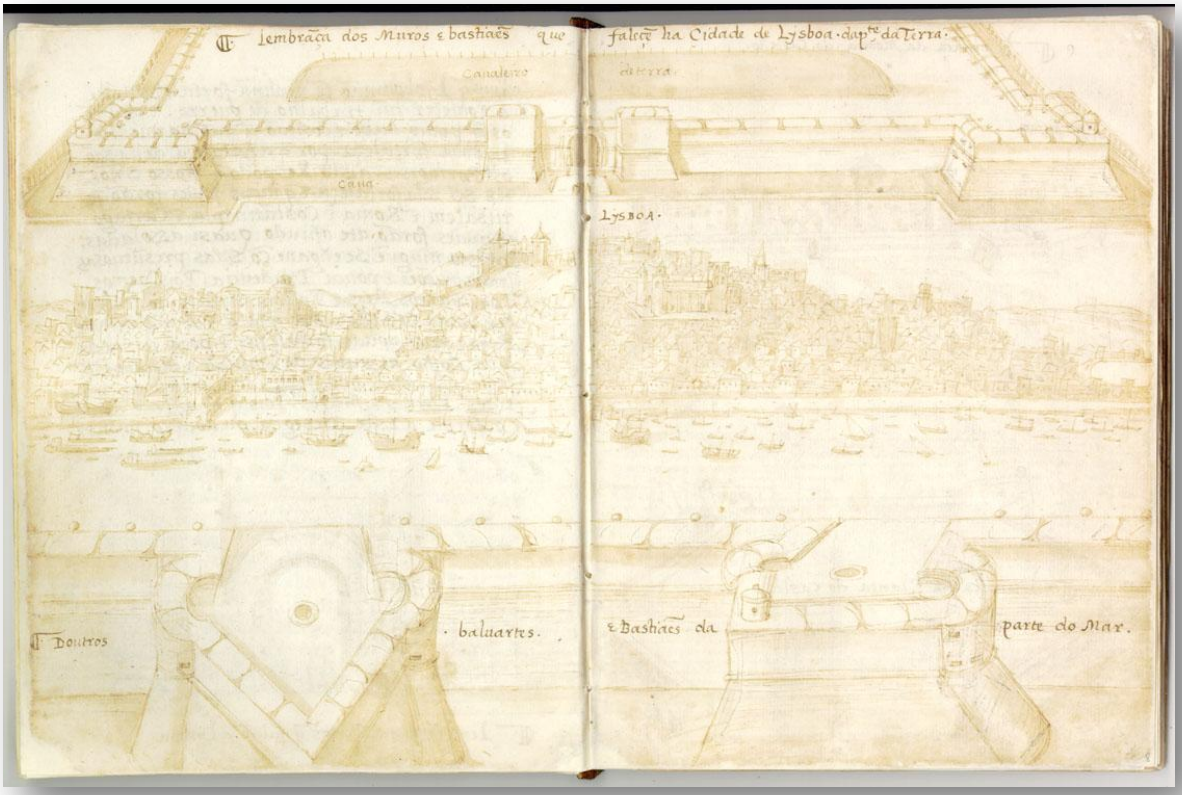
8 B.N.P., Reservados Manuscritos, 2, n-º 9 : "*Catalogo. Dos Manuscritos que Foraõ do Conde de Redondo Thome de Sousa Coutinho*", fl. 22.

9 BA, Ms 54.VI.12.65, 1 de Abril de 1814.

10 RACZYNSKI, Athanasius (1847), *Dictionnaire Historico-artistique du Portugal*. Paris: Jules Renard et Cie., Livreurs-Éditeus, p.259, "L'original se trouve en Espagne: la copie est conservée à Lisbonne dans la Bibliothèque de Jesus". vd. SOUZA, Maria Luiza Zanatta de (2011), *Um novo olhar sobre* Da fabrica que falece à cidade *de* Lisboa*, (Francisco de Holanda 1571)* /. São Paulo: Universidade de São Paulo, Vol. 1, pp. 142-144.

11 HOLLANDA; Francisco de, (1879), *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa: Da sciencia do desenho* . Editor: Joaquim de Vasconcellos. Porto: Imprensa Portugueza. confirma esta sequência ao esclarecer que "*Esta Livraria foi comprada por EL-Rei D. José e com ella o original do códice por 4$800 reis*", adianta ainda que antes de 1792, segundo Monsenhor Ferreira Gordo o Ms. estava na Ajuda; Teve ainda uma outra

Como foi recepcionada na colecção de manuscritos da Casa Redondo é interrogação que não poderá ser respondida, como Holanda morre em 1575, a quinta do Bomjardim não estava ainda na posse desta família, só dois anos mais tarde, o veio a ser. Apenas a proximidade que poderia existir, entre eles, já que o tratadista tinha uma propriedade na vizinhança de Belas, abriria uma possibilidade contacto, a motivar o interesse dos Redondo em tal aquisição. Tê-lo-ia sido neste quadro de pressupostos, mas numa fase posterior? Conclua-se admitindo, que perante a documentação disponível, a tramitação da propriedade sucessiva ainda não é passível de ser estabelecida.



[Fig. N.º 05 - Imagem Lembrança dos Muros e bastiães que falecem há Cdade de Lysboa da parte da Terra & doutros baluartes e bastiães da parte do Mar,fls 8v e 9r].

A identificação do itinerário de posse do manuscrito de Francisco da Holanda permite-nos conjecturar que este, a morar nos arredores de Sintra, possa ter tido contacto com os condes de Redondo. Senhores que eram proprietários da quinta do Bonjardim, em Belas,

edição preparada por Virgílio Correia, v. HOLANDA, Francisco de (1571), *Da fabrica que falece a cidade de Lisboa* / Francisco de Olanda ; ed. Vergilio Correia. Madrid: 1929.

Sintra, enquanto *Villa*, residência alternativa ao seu palácio urbano, a Santa Marta, junto à corte.

O repertório tratadístico, mas em simultâneo, com uma gramática idiomática, verificável no discurso maneirista, poderá levar a supor, que esta família aristocrática, lhe terão encomendado o desenho para este palácio. As proporções e a métrica da volumetria dos corpos com cumprimento das regras da proporção traduz uma organização espacial de matriz serliana – cite-se em reforço do argumento o monumental pórtico rusticato de entrada, anteposto à fachada principal onde é possível vislumbrar a influência daquele tratadista, ou seja, no Livro III, *Il Terzo Libro*, Veneza, 1544. Sublinhe-se que o mesmo Holanda terá projectado, em1547, a Capela de Nossa Senhora do Monte, Quinta da Penha Verde, também em Sintra, sob o mecenato do Vice-rei da Índia, D. João de Castro (1500-1548).

Por outro lado, ideia de uma fortificação para a barra do rio Tejo, com a função de proteção do acesso marítimo à cidade de Lisboa, no contexto da cidade imperial foi apresentada no reinado de D. Sebastião (1568-78) por Francisco de Holanda, na obra Da fábrica que falece a cidade de Lisboa (Lisboa, 1571), indicando para essa finalidade o areal da Cabeça Seca. O soberano acatou essa sugestão, encarregando, em 1578, D. Manuel de Almada de erguer essa estrutura, com a função estratégica de cruzar fogos com a primitiva Torre de São Gião. O Forte do Bugio, inspirado no Castel Sant'Angelo em Roma, na Itália, por sua vez serviu de modelo para o Forte de São Marcelo em sítio semelhante, na cidade do Salvador na Bahia de Todos os Santos, Brasil, cuja traça se deve ao Engenheiro-mor Francisco de Frias da Mesquita (desde 1603), em 1622, onde se testemunhará o arquétipo definido por Holanda.